

Carlos Pittella

(1983, Rio de Janeiro – RJ) é poeta e pesquisador. Publicou o poemário *Civilizações volume dois* (Palimage, 2005), co-escreveu *Como Fernando Pessoa pode mudar a sua vida* (Tinta-da-china Brasil, 2016) e fez a edição crítica do *Fausto* de Pessoa (Tinta-da-china, 2018). Colabora regularmente na revista *Pessoa Plural* e em eventos pessoanos nos EUA e em Portugal.

Em 2014-2015, tentou ir por terra de Portugal ao Nepal. Atualmente vive em Providence, EUA, e trabalha com o arquivo Jennings na Brown University.

E-mail: cpittella@gmail.com

a cabeça & o corpo de pittella leite

Ao Comendador Pedro de Matos Soares

I. A Separação

Caminhava o sotor Pittella Leite p'las ruas de Lisboa num deleite rumo à publicação do seu primeiro romance, quando, ao virar num cruzeiro – que ao mesmo tempo era uma esquina cega e o futuro que agora se nos cega –, chocou-se contra a lâmina levada por algum construtor de uma empreitada: o gume mais agudo – afiadoço – de um gárgula a montar num edifício, e, embora em probabilidade mínima de algum pescoço se casar à lâmina e atravessar pel', músculo e coluna – camadas degoladas uma a uma –, foi isso o que o sotor Pittella Leite vivenciou na esquina de repente. Sua cabeça, após o corte clínico, com ares de poeta quase cínico ficou no entroncamento Rato-Escola Politécnica, não por sua escolha; e o corpo pittellêutico adiante seguiu andando, descerebralmente, rumo ao inadiável compromisso, pé ante pé e sem se dar por isso. Não mais havia os olhos da cabeça, nem a cabeça donde um olho meça o mundo em cor, sabor, rumor e olfato... Só mesmo lhe restava agora o tato.

II. A Cabeça

Diz-se que uma cabeça degolada
ainda é bem capaz, caso intimidada,
de piscar os seus olhos em resposta.
No caso da cabeça sobreposta
à esquina Politécnica-com-Rato,
proveniente de um poeta nato,
versado em Sânscrito, Suaíli e Parse,
era capaz de até piscar em Morse.
E o construtor, que bom soldado fora,
e cujo pai servira em Bora Bora,
sabia Morse e logo percebeu
haver um ritmo no piscar. Troquei,
talvez? E os olhos vivos, ditirâmicos,
piscaram estes dísticos iâmbicos:
«Quem poderá dizer quem fui?, que essa
cachola desgarrada – só cabeça –
do nobre vate Carlos, o Pittella,
não passa disto... e um corpo lá em Palmela?!
Ó transeuntes de cabeça e torso
ligados por acaso ou por remorso,
andais como se o mundo fosse o mesmo
e a poesia não rasgasse a esmo
o mar cotidiano, o vosso bem-
estar de horários e salários sem
espaço para o imprevisto, o novo...
Como prever o que há fora de um ovo?
E além da vida? Ou antes de nascer?
Cabeça e corpo, uni-vos para ser!»

III. O Corpo

Calores úmidos na pel', lufada
ardida em sal, acéfala passada
em pedra muito irregular... Mosaico?
Tatibitava o corpo, agora laico
estando extraviado de uma igreja...
Ou é a igreja o próprio corpo? Seja
Qual for a identidade destas partes,
agora o corpo era randômica arte
Ou inda menos que arte, ação sem arte,
sinédoque vã, parte pela parte,
matéria inertemente ainda avante
'té que se esvaia o sangue, ou surja à frente
um caminhão, bueiro, algar, parede,
ou simplesmente assole ao corpo a sede,
sem boca agora que engolisse líquidos...
Os signos do seu fim eram ubíquos.
Chegando ao lançamento do seu livro
– ou *meio* seu, digamos, pois o omnívoro
afã dos versos fora, até então,
meio engolir, meio comer co' a mão,
que agora só podia recitar
linguagem de sinais... Sapatear
seria outra opção... Melhor ainda:
aquela dança que aprendeu na Índia
a combinar magia, gesto e baile
– gesticular a um vendaval em braile,
anunciando fim ou recomeço
da vida, do planeta, do universo...
Seria o lançamento um estertor
do grão poema de língua e suor!
E, antes de espatifar-se no cimento,
o corpo levitou por um momento,

opiniões

dançando como um vero deus – um Shiva –
e o público, perplexo, berrou: «Viva!»

(Lisboa, Junho de 2017 – Providence, Outubro de
2017)